

Exportações sofrerão um duro golpe

MAURÍCIO BACELLAR
Da sucursal

Rio. — Os destroços de uma guerra duradoura, protagonizada pelos Estados Unidos e Iraque, afetarão a estrutura da economia mundial e entupirão a principal válvula de escape da economia brasileira, já abalada por recessão que reduziu em quatro por cento o Produto Interno Bruto em 1990. As exportações nacionais serão duramente prejudicadas, caso o combate no Golfo Pérsico detone uma recessão econômica mundial, já que, neste caso, clientes como os próprios Estados Unidos e a Comunidade Europeia, que entre janeiro e outubro de 1990 absorveram, respectivamente, 24, 14 e 31,21 por cento das exportações do Brasil, tenderão a reduzir suas importações.

A consequência natural desta situação será o agravamento da recessão brasileira. O economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fernando Holanda, prevê um choque do petróleo de maio-

res proporções que os de 1973 e 1979, caso os campos da Arábia Saudita, por exemplo, sofram ataques do Iraque. A Petrobrás, apenas no segundo semestre do ano passado, teve um gasto adicional, com a importação de 500 mil barris/dia de petróleo, de um bilhão de dólares, aproximadamente, em função da alta dos preços.

FATORES

Fernando Holanda destaca quatro fatores que determinam a pujança das exportações de um País. A atividade econômica doméstica em declínio aumenta o interesse por mercados internacionais. O segundo fator é justamente o nível de atividade econômica destes mercados. Uma recessão mundial determina diretamente o volume das importações de países como os Estados Unidos, Comunidade Europeia e Japão.

Outro fator de influência é o câmbio. Com a guerra, o Gover-

no se verá obrigado a elevar as cotações do dólar, até mesmo para compensar a queda das exportações. Fernando Holanda não acredita que a guerra no Golfo Pérsico seja longa, e afirma que o Banco Central terá que administrar com habilidade a política cambial para impedir que, com o fim do conflito, o dólar ceda muito e desestimele as exportações.

O último fator são as linhas de crédito. As exportações brasileiras são financiadas por recursos internacionais de curto prazo. Com o impasse nas negociações da dívida externa brasileira, os banqueiros internacionais vêm reduzindo a disponibilidade destes recursos para o Brasil. Na última renegociação, de 1988, estas linhas somavam 14,4 bilhões de dólares e agora estariam reduzidas em 50 por cento. Fernando Holanda afirma que a queda nas exportações brasileiras no último semestre se devem basicamente à escassez destas linhas e à defasagem no câmbio, que começou a se recuperar em outubro.